

Há escolas; faltam bons... professores

24 MAR 1993

por José Casado
do Rio

O Brasil é um campeão mundial de repetência escolar na primeira série do ensino elementar. Registra média (58%) só comparável à de uma das nações mais pobres do planeta, o Haiti, conforme a classificação da Unesco.

Mas os dados oficiais mascaram esse aspecto da educação, segundo demonstra uma pesquisa do Laboratório Nacional de Computação Científica, vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNPq), coordenada por Sérgio Costa Ribeiro.

"As razões estão em um erro de metodologia, que nos últimos sessenta anos fez o Ministério da Educação confundir repetência com novas matrículas na primeira série elementar, o que provocou toda sorte de políticas erradas nesse período", diz Ribeiro, que apresentou os resultados da pesquisa a uma platéia de economistas, empresários e políticos na Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio.

Nos dados oficiais, explica, estima-se que 25% das crianças matriculadas na primeira série elementar

abandonem a escola ao final do ano letivo. E a média de repetência seria de apenas 25%. Os dados mais recentes indicam que em 1989 o País registrou 8,2 milhões de novas matrículas nessa série escolar.

"O que se verificou, na pesquisa, foi que, por um erro conceitual sobre repetência, passaram-se anos neste país considerando-se alunos repetentes como evadidos da escola", diz Ribeiro. "A realidade é que a repetência atinge 58% na primeira série elementar e a evasão escolar é de apenas 2%", acrescenta.

Disseminou-se a prática, nas escolas, de sugerir aos alunos — ou seus responsáveis — que, diante de um provável fracasso na avaliação de final de ano, eles deixem a escola e se matriculem de novo, no ano seguinte, na mesma série como um novo aluno, na mesma ou em outra escola. "Constatamos que 98% deles se rematriculam no ano seguinte."

Outra constatação da pesquisa é de que não há escassez de escolas no País: "Muito ao contrário, evoluímos bastante nesse aspecto. Em 1930, garantímos acesso a 65%

EDUCAÇÃO

GAZETA MERCANTIL

Há escolas; faltam bons...

por José Casado
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

da população em idade escolar. Hoje essa garantia existe para 95%. Os 5% que não têm estão concentrados (4%) no interior do Nordeste, o que configura um problema regional e não nacional".

Existe um contingente expressivo de crianças que permanece freqüentando a escola por anos. "Em média, por quase doze anos tentando completar um curso de oito séries. Os que conseguem terminar (34%) o ciclo elementar acumulam, em média, quase quatro repetências na sua vida escolar. Mesmo aqueles que desistem, na maioria pelo excesso de repetências acumuladas nos primeiros anos de escola, lá permanecem por mais de seis anos", comenta.

Apenas 3% dos alunos conseguem chegar ao final das oito séries do primeiro grau sem nenhuma repetência. "E pensar que a repetência é um problema dos pobres é um erro", continua. "Verificamos que para a faixa dos 10% mais pobres da população, a repetência é de mais de 75% na primeira série elementar. O que nos assusta é constatar que, para os 10% mais ricos, essa taxa ainda é de 40%."

Ribeiro indica uma recente avaliação da Unesco sobre níveis de conhecimento de Matemática e Ciências entre alunos com 13 anos de idade, em diferentes países. Os resultados apurados no Brasil são semelhantes às médias observadas em Moçambique.

"Existe um problema sé-

rio de qualidade educacional e uma 'pedagogia da repetência' que permeia a nossa escola, em todas as camadas sociais", afirma Ribeiro. "É uma situação meio esquizofrênica: a 1ª série programada para ser cursada em um ano leva dois; a 2ª leva um e meio e assim por diante. Mas uma coisa é clara: o professor, mesmo que não seja o culpado por essa situação, é o responsável pela solução. O acúmulo de repetência ocorre, no Brasil, fundamentalmente pela má qualidade de formação dos professores."

Há um custo elevado por isso. "Estamos operando com o governo de Minas Gerais e já sabemos que lá o processo de repetência no primeiro grau tem um peso equivalente a US\$ 200 milhões anuais no orçamento educacional. Para cada mil novos alunos gasta-se o equivalente a 8,4 mil matrículas."

Ribeiro observa que há, também, um desperdício de dinheiro em todo o sistema educacional brasileiro. "O País está gastando 0,6% do seu Produto Interno Bruto em universidades com 300 mil alunos e outros 0,8% do PIB para manter 28 milhões de estudantes no primeiro grau."

Boa parte desses desvios e problemas tem origem na falta de autonomia administrativa, financeira, pedagógica e curricular nas escolas — ele acredita. E sugere a adoção de "critérios de avaliação das escolas e dos alunos", para mudar o sistema de mérito no ensino brasileiro: "A estabilidade funcional do professor e dos chamados trabalhadores em educação